

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA REFLEXÃO

Josenilson Bernardo da Silva

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia - UFU

RESUMO

Esse trabalho não tem a pretensão de se tornar um postulado em educação ambiental, mas, sim de demonstrar uma reflexão sobre a mesma (EA) e o seu papel importante e lento, mas indelével que pode ser desenvolvido na sociedade, se for construída com vontade, preparo, respeito e paciência por parte dos atores sociais envolvidos em todos os campos da sociedade. A educação é necessária a todo país que busca proporcionar ao seu povo, uma qualidade de vida mais satisfatória. No entanto, sabe-se que essa qualidade só pode ser conseguida, por meio de investimentos em cultura, informação e emprego, deixando para sociedade a decisão sobre a qualidade de vida desejada. Então, a educação ambiental funciona como uma ferramenta imprescindível na produção de idéias, projetos, atitudes e na propagação do discernimento das pessoas pela busca de uma sociedade mais equilibrada com os limites sociais e ambientais do planeta.

PALAVRAS CHAVES: Educação ambiental, sociedade e meio ambiente.

ENVIRONMENTAL EDUCATION: A REFLECTION

ABSTRACT

This work does not have the pretension of becoming a postulate in environmental education, but, yes to demonstrate a reflection on same (EA) and its important and slow paper, but indelible that can be developed in the society, will have been constructed with will preparation, respect and patience of the involved social actors in all the fields of the society. The education is necessary the all country that it searches to provide to its people, a quality of more satisfactory life. However, one knows that this quality just can be obtained, by means of investments in culture, information and job, leaving for society the decision on the quality of desired life. Then, the environmental education functions as an essential tool in the production of ideas, projects, attitudes and in the propagation of the discernment of the people for the search of a balanced society more with the social and ambient limits of the planet.

KEY WORDS: environmental education, society, middle environment

INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva-se a demonstrar uma reflexão sobre a educação ambiental (EA) e o seu papel importante, lento, mas indelével que ela pode desenvolver na sociedade, se for construída com vontade, preparo, respeito e paciência por parte dos atores sociais envolvidos em todos os campos da sociedade.

O rural brasileiro vem passando por transformações econômicas e sociais consideradas muito vantajosas para o país. O recorde de produção vem aumentando a cada ano, novos empregos são gerados, a remuneração está "melhorando" e exige-se uma mão de obra cada vez mais qualificada para tratar da atual "galinha dos ovos de ouro" do Brasil.

Recebido em 21/10/2004
Aprovado para publicação em 13/12/2004

No aspecto social, algumas regiões do país estão despontando-se como novos paraísos do trabalho e qualidade de vida devido à vocação ou incentivo para o *agribusiness*. A inserção de novas tecnologias no campo sempre foi motivo de alegria por um lado e, por outro, de tristeza.

Num passado, não muito distante, o que denominávamos como simples fazendas, hoje, após investimentos; originados de créditos financiados, implementos e máquinas agrícolas *hi-tech* e profissionais qualificados, transformaram-nas em grandes complexos agroindustriais. O outro lado da história é que, nem todos, os agricultores conseguem esse desenvolvimento e crescimento, oriundo dos seus fracos resultados no campo. Ainda existe aquele trabalhador rural que mal consegue realizar o seu próprio sustento; que depende de cestas básicas do governo, programas de renda mínima, vive marginalizado porque não encontra crédito, apoio logístico, assistência técnica, enfim, não se encontra incluso e, portanto, não participa de políticas públicas eficientes, que acabam sendo destinadas àqueles possuidores de grande *lobby* político.

Mas existe um problema que é comum para estes dois lados da moeda. A falta da educação, e em especial a ambiental, surge como um defeito grande entre aqueles que tem o papel de intervir nos ambientes naturais em maior ou menor intensidade. A falta de conhecimento ou de interesse é gritante não só nos centros urbanos, mas, também no meio rural. O desmatamento, as queimadas, o lixo doméstico e os dejetos de animais que são jogados nos rios ou ficam ao ar livre; demonstram algumas atitudes errôneas que precisam ser reavaliadas e repensadas.

A educação ambiental é uma alternativa para orientar as atitudes humanas no seu meio natural e social, pois, simboliza a busca de um novo pensamento na área rural e - na cidade também - na tentativa de fazer com que, os agentes envolvidos percebam a visão da totalidade e não no mero papel individual dentro de sua cadeia social.

Todos fazem parte desse grande sistema e compete aos seus integrantes a busca por uma convivência mais equilibrada.

A EDUCAÇÃO: ESSA É A SOLUÇÃO OU O PROBLEMA?

O nosso país é um dos campeões na desigualdade social no mundo e essa “conquista” reflete bem a realidade nacional. A nossa sociedade carece cada vez mais de oportunidades. Ela necessita de chances nos campos do trabalho, da economia, da saúde e da **educação**. E a ordem de importância desses itens para boa parte das pessoas, dependerá da sua posição e situação social no momento; da sua realidade.

Esta sociedade dita moderna, que cresceu ainda mais, com o avanço de técnicas e das máquinas no século XVIII, na era industrial, já demonstrava para o mundo um distanciamento entre as pessoas da época. As classes sociais se definiam em duas, a do proletário e o patrão, o rico e o pobre, ou seja, aquele que detinha as máquinas para o trabalho e outro que só tinha a força de trabalho para vender. Isto posto, na história da humanidade, revela ou, pelo menos demonstra que o problema estava nas relações sociais estabelecidas na época. E não mudaram, até hoje, entende-se que estão mais fortes e que isso vai implicar na busca cada vez maior dos recursos naturais, no surgimento e o agravamento da problemática ambiental, na perda da qualidade de vida, em nome do aspecto econômico que favorece poucos.

A nossa sociedade precisa entender que o planeta tem limites estabelecidos, antes mesmo do surgimento do homem. As leis naturais precisam ser levadas em consideração. Evidentemente que, a utilização dos recursos naturais não será cessada e ou diminuída se, houver uma substituição do sistema econômico vigente; e não é esse o problema maior. De nada adiantará, se a forma de pensamento dos agentes sociais não sofrer também uma mudança.

Mudar o modelo econômico, ou o modelo político, tal como é praticado, de nada valerá se um novo modelo cívico não se instala. (...) A sociedade é mais que economia. A sociedade também é ideologia, cultura, religião, instituições e organizações, formais e informais, território, todas essas entidades como forças ativas. (...) A interferência das

demais entidades que formam o corpo da nação, corrige ou deforma ou simplesmente modifica as intenções do planejamento econômico, sobrepondo-lhe a realidade social. (SANTOS,1987, p.89-96 *apud* BORTOLOZZI; PEREZ FILHO, 1994, p.42).

Diante do exposto, fica claro a necessidade da transformação social e política e que essa, se converta em mudanças, principalmente, de pensamentos. E para essa transformação, a educação é o primeiro passo na busca de uma consciência sócio-ambiental mais holística.

A educação é parte da solução e também do problema no nosso país. De acordo com SOFFIATI (2002), a educação, em seu sentido mais amplo, enfrenta acentuados problemas de qualidade e não alcançou patamares desejáveis de democratização. Isto pode ser exemplificado pelos altos índices de analfabetismo, crianças fora das escolas, escolas estrutural e pedagogicamente falidas etc. Esses são alguns exemplos, de um país que trata a educação como custo e não como investimento.

Os poucos programas educacionais, não atingem grande parte da população que, prioritariamente, está interessada em arrumar emprego e garantir o seu sustento e de sua família. Como fazer essas pessoas pensarem no ambiental de barriga vazia? Como falar em meio ambiente com o nordestino que vive no semi-árido? Nem todos os profissionais que trabalham com a área estão qualificados. Os investimentos na educação são pequenos, extraviados, e não chegam ao seu destino.

Dessa forma, todo o conhecimento sobre os limites naturais, maneiras de aproveitamento dos recursos e os cuidados com os seus resíduos necessitam de uma nova consciência e ações para a reconstrução de um novo ambiente. A população deve ter garantido o direito de ter a sua qualidade de vida de acordo com suas necessidades e anseios e não, por um tipo de vida mercadológica e modista "vendida" pelos meios de comunicação. E essa escolha, a população só poderá fazer quando realmente tiver acesso à educação digna com informação de qualidade que contribua para a formação de uma opinião crítica e consciente com o seu *status quo*.

O processo educacional necessita levar em conta as peculiaridades dos diversos locais do país. A princípio, a falta da educação, é um problema real na sociedade brasileira e sendo assim, fica complicado para que o povo se adapte as novas tecnologias, ao novo conhecimento e assim, ainda se sentir incluído dentro do sistema de seu país. Essa falta da educação alimenta a distância que separa as classes sociais e elimina a esperança, de quem tem nela, um motivo a mais para mudar. Então o papel da educação, no seu sentido mais amplo, mostra-se imprescindível na busca de uma sociedade mais consciente, mais cidadã; agindo de tal maneira que leve o ser humano a exercer o seu real papel na sua comunidade. Para essa educação, na opinião de BORTOLOZZI; PEREZ FILHO (1994) não deve ser vista como mera reprodutora do saber historicamente acumulado, numa visão cartesiana onde o homem, considerado cultura e, portanto superior, se separou da natureza para melhor destruí-la. A educação e, sobretudo a ambiental deve ser mais prática, crítica e deixar de ser aquela em que, os educadores se aplicam a somente sensibilizar o outro aos problemas ambientais, não dando alternativas a novas formas pensamento do aproveitamento dos recursos naturais.

A ação educacional no campo e na cidade deve pautar-se não só no alarme, mas, em ações mitigadoras para os problemas desencadeados, que faça as pessoas pensarem, questionarem essas intervenções, e a produzir um novo conhecimento. Essa ação, não deve aumentar as distâncias e sim, aproximar as pessoas a um ambiente mais equilibrado.

A dinâmica social construída ao longo do tempo proporcionou o desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram uma "melhor" maneira de exploração dos recursos naturais, que provocou um isolamento entre anseios econômicos, limiar ambiental e ações educativas. Com essa preocupação, outros pesquisadores demonstravam-se alertas para essa conjectura, baseados nos fatos que ocorreram no pretérito; no progresso técnico-científico originado no século XVIII e que

vem se fortalecendo e sem demonstrar uma visão muito otimista.

Os frutos da Revolução industrial se manifestam no século XIX pela aceleração brusca do uso da energia, do consumo de alimentos e de matérias-primas, da urbanização e do crescimento da população. O homem passa a acreditar que a Natureza está a seu inteiro dispor e lança mão de seus recursos para desfrutar um nível de vida nunca dantes imaginado (SIEGLER, 1992, p.107-108).

Outro pesquisador reforça o supracitado salientando que:

O acréscimo do conhecimento técnico-científico dos séculos XVIII, XIX e XX possibilitado pelo capitalismo colocou definitivamente os interesses das sociedades humanas de um lado e a preservação da natureza de outro. Até a década de 70 deste século, não havia no mundo a menor preocupação com as questões ambientais ou ecológicas, a não ser nas universidades, onde o assunto era tratado cientificamente (ROSS, 1995, p.213).

Então, fica complicado entender o progresso de uma sociedade que só pensa e age em cima de uma perspectiva exploradora dos recursos naturais, sem demonstrar uma preocupação mais efetiva e menos lúdica com a Natureza, pois, os problemas decorrentes são reais e podem deixar cicatrizes na sociedade.

A educação ambiental tem de se mostrar como uma alternativa a isso tudo. Não somente pelo desejo de equilíbrio na relação homem e natureza, mas, na inserção social que ela pode e deve fazer aos indivíduos em questão; demonstrando a importância de todos na relação de interdependência que existe dentro desse grande sistema Terra.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O QUÊ DEVE SER?

A problemática existente com essa questão sócioambiental tem o seu pilar mestre no processo educacional e na forma como ele é conduzido dentro dos ambientes escolares. A visão compartimentada da educação ambiental, a pouca integração entre outras ciências, a própria disciplina curricular nas escolas, faz com que o aluno não se desperte para o seu papel de cidadão.

Dessa forma, não caminha para uma definição sobre o real papel da educação ambiental (EA) até porquê, poderia se cometer o erro de compartimentar a EA e tentar colocá-la como unânime e transferível para toda a realidade. No entanto, como é importante ter um ponto de partida para se chegar a um objetivo, a definição seguinte reflete a maneira de como deve ser vista e praticada a educação ambiental no país.

A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza (LOUREIRO, 2002, P.69).

A educação e em especial ambiental, não tem que ser o único meio para se atingir a transformação no pensamento e nas relações sociais vigentes, mas, nem deve ser jogada para segundo plano sem o devido reconhecimento. A sua função ultrapassa as barreiras dos currículos escolares disciplinados em conteúdos, muitas vezes sem ligação; deve transpor a distância social, adequando-se a realidade local, as necessidades e diferenças. Não é um trabalho fácil, por isso

requer empenho, disciplina, dedicação, **envolvimento** e muita paciência, mas, é assim que a educação caminha, lenta, mas contínua. A educação ambiental não vai dar contribuições concretas como, dar vacinas ou construir redes de esgotos (GRYNSZPAN, 1999). A sua missão é outra, atuar no subjetivo, no imaginário e no lúdico para refletir em ações na realidade da sociedade.

Ela é fundamental para o enfrentamento das questões da vida através da formação de sujeitos críticos. Etimologicamente significa propiciar o florescimento de algo que já está dentro da pessoa e não encher de conhecimentos um recipiente vazio. Por isso é dada ênfase às representações e a estratégia (GRYNSZPAN, 1999, p.137).

E em se falando da estratégia, a educação ambiental tem de ser comungada nos ambientes escolares das cidades, pois, lá estão os agentes que atuam e vão atuar no espaço geográfico. O desenvolvimento de projetos locais, a principio, pode ser uma alternativa para iniciar a busca de soluções para os problemas intrínsecos e às vezes distintos dos bairros de uma cidade. Setorizar e identificar os problemas pode ser o início do caminho a ser percorrido.

A comunidade, junto com a escola, deve constituir conselhos formados por integrantes da própria comunidade, escola (alunos e professores) empresários locais (se houver), líderes de bairros, representantes do poder público, ou seja, todos aqueles envolvidos de alguma maneira com o bairro para, assim, estabelecer ações norteadoras dos problemas locais. A educação ambiental não envolve, somente, ações designadas à natureza, mas, sim, práticas que viabilizem uma melhor qualidade de vida para a sociedade envolvida, no entanto, se faz necessário o **envolvimento** de pessoas empenhadas em objetivo único que é a **qualidade de vida**.

Nenhum projeto cresce com apenas idéias lançadas ao vento, um projeto deve ser pensado, construído também, por quem convive com os problemas e não somente pelos intelectuais sentados atrás de suas mesas. É necessário ir a campo para fundamentar, conhecer, observar a paisagem, as pessoas que vivem e os seus problemas.

Por isso que os projetos educacionais podem mostrar uma nova saída em busca de um ambiente mais equilibrado. Eles precisam trazer conhecimento, despertar para a necessidade de observação das ações humanas, pois, uma ação individual é capaz de desencadear conseqüências negativas para uma coletividade. Nesse sentido é possível realmente buscar uma sociedade mais sustentável. Enfatizando a importância do desenvolvimento de projetos voltados para a educação ambiental que pleiteiam o desenvolvimento e crescimento mais justo, GRYNSZPAN (1999) afirma que dessa forma, enfatizamos a crença de que um projeto educativo é mais do que treinamento e conhecimento dos fatos é o estímulo á busca de novas fontes e saídas ou, ainda, o resgate de valores e posições antigas, porém frutíferas, acima de tudo, um deflagrador de uma busca de compreensão da realidade em seus diferentes níveis, do individual ao universal, da comunidade á aldeia global.

Para a constituição dos mais diversos projetos, o papel dos meios de comunicação, atualmente, são muito relevantes. A Internet, televisão, jornais e revistas podem contribuir para o maior alcance das propostas e projetos formulados para a sociedade, e apresentam-se também como ferramentas para tentar promover a sensibilização que não fique só nisso, e o envolvimento com as causas dos projetos podendo atingir longas distâncias, em um território com dimensões continentais como o Brasil, promovendo a busca de uma melhor qualidade de vida para a sociedade. Assim, JACOBI (2003), destaca que a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento, o desenvolvimento sustentável. Já TAMAIO (2000) *apud* JACOBI (2003) diz que a educação ambiental é a condição necessária para modificar um quadro crescente de degradação socioambiental, mas ela ainda não é suficiente.

O conhecimento produzido dentro dos centros de pesquisa devem chegar com maior facilidade

aos ambientes escolares, as comunidades e a outras esferas do poder público. Não compete somente a Ciências ou Geografia a responsabilidade de mudar a forma de pensamento e com isso, o relacionamento entre os atores sociais. Essa responsabilidade é de todos para todos. O papel a ser desempenhado pelas pessoas faz parte de um processo social que se constrói por ações com diferentes alcances e resultados, que por vezes, não são satisfatórios, mas nem por isso desanimadores.

Uma outra possibilidade é fazer com que os projetos de ocupação e intervenção no meio natural sejam embasados em critérios ambientais de uso conservacionista, e espaços destinados à preservação total, servindo somente as pesquisas científicas e visitas turísticas periódicas (turismo educacional). Encontrar maneiras de como intervir no espaço natural estabelecendo diagnósticos e se fazendo cumprir os prognósticos ambientais é um caminho. Como mencionado no início, este trabalho não vem à tona, para condenar esse ou aquele sistema econômico, mas, sim as atitudes humanas e as relações socioambientais decorrentes.

O importante é garantir que o uso dos recursos naturais pelo homem possa ser feito com a condição de que seja feita a inclusão social tão almejada por todos. Todos os brasileiros têm o direito a um meio ambiente sadio e de qualidade, no qual, esses tantos brasileiros possam ter condições de definir qual o seu tipo de qualidade de vida, sem ter que passar por cima de sua ideologia ou filosofia e outros valores que são inerentes a cada indivíduo.

Para contribuir com o que foi demonstrado anteriormente, a Geografia pode e deve desempenhar um papel muito relevante com as questões socioambientais. A preocupação da ciência geográfica em relacionar os assuntos pertinentes ao tema desse trabalho como a educação ambiental, sociedade e natureza; faz dela uma ferramenta muito especial na demonstração de como as ações humanas, ao longo, do tempo podem interferir na condição de vida de várias gerações. Há também outro viés, que é justamente mostrar ao aluno, futuro agente transformador, o papel dele perante a sociedade; que suas ações podem ser negativas se não tiverem orientação, conhecimento apurado sobre as fragilidades dos ambientes a serem transformados.

A Geografia é sem dúvida um caminho a ser seguido, em razão, do amplo leque de possibilidades que ela pode demonstrar a sociedade, contribuindo para construção de novos valores, servindo de forte apoio a projetos sociais, criando estratégias, educando crianças, jovens, adultos e idosos para vivência socioambiental mais saudável, aliando o conhecimento produzido ontem e hoje, para fundamentar um amanhã mais equilibrado.

A Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, BRASÍLIA, SEF, MEC, 1998).

O conhecimento geográfico não pode limitar-se, então, a críticas somente. Necessita juntar informações que possam ser utilizadas pelas pessoas que vão intervir no espaço geográfico (campo ou na cidade) de maneira clara e objetiva, em busca de resultados aliados com os limites de cada lugar. O conhecimento produzido pela ciência geográfica não deve deixar de expor a importância que cada indivíduo desempenha na sociedade, exemplificando com fatos, erros e acertos do passado para assim, estabelecer atitudes melhores para a comunidade em que cada

um vive.

Ao geógrafo cabe, então, um papel social muito especial. Agregar informações, aglutinar e repassar conhecimentos para que o homem de hoje possa estabelecer critérios de sobrevivência para sua raça criando novos caminhos para uma convivência saudável e inclusiva. Evidentemente que, esse papel, não cabe somente ao geógrafo. As atitudes para um meio ambiente saudável, não classista e acessível estão nas mãos de todos os profissionais que estão preocupados com essa forma degradante de absorção dos recursos naturais que até então, se dá, por dominante no país e no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo econômico mundial, construído sob os pilares do individualismo e do consumismo exacerbado, nos postulados teóricos da economia liberal, se sustentam em idéias construídas num tempo histórico determinado em que a consciência da preservação da natureza era nula (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUETETURA E AGRONOMIA, RJ (CREA/RJ), 2000).

Realmente, o individualismo é uma marca muito forte dentro do atual sistema econômico. O consumismo, que entendo como, conseqüência, reflete o descontentamento diário que muitos têm com o seu cotidiano. Deseja-se o melhor carro, a melhor e a maior casa, a melhor roupa, etc. Entende-se que isso não é ruim, mas, precisa ser alcançado por outros também. Essas necessidades e esse ritmo de vida talvez poderiam ser alcançados por todos, mas, o que será que o homem teria que fazer para produzir de tudo para todos? As riquezas naturais suportariam por quanto tempo mais, tal demanda?

Há ainda, tempo para buscar soluções em prol de um ambiente saudável para todos. O trabalho a ser desenvolvido para isso começa cedo, com as crianças, e deve acompanhá-las durante toda a sua vida. Ensina - la a se ver como cidadã e agente de transformação do espaço em que vive, sem deixar de lado e isolado quem está no seu entorno, respeitando as diferenças e, o que representa para cada um a qualidade de vida. O mais relevante então, é buscar mudar a forma de pensamento e de relacionamento que ensejamos uns aos outros, sem nos importarmos com o sistema político e econômico em questão - esses mudariam por conseqüência. Sem mudança de cabeça não há resultado que apareça.

Portanto, a educação ambiental pode desempenhar esse papel de conscientização, de orientar mudanças, não só por meio das teorias, mas, carregando o dia a dia de ações pautadas na valorização do ser humano como elemento importante do meio ambiente e não dono dele.

REFERÊNCIAS

- BORTOLOZZI, A.; PEREZ FILHO, A. Educação ambiental e reconstrução da cidadania. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.6. n.11 e 12,p. 41-45,jan/dez. 1994
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª. Geografia**, Brasília, 1998. 156 p.
- CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA (Rio de Janeiro). **Brasil 21: Uma nova ética para o desenvolvimento**. 5. ed. Rio de Janeiro, 2000.
- GRYNSZPAN, D. Educação em saúde e educação ambiental:uma experiência integrada. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 15, n.2, p. 133-138,1999.
- JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.118, p. 189-205, mar. 2003.
- LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, cap. 3, p.69-107
- ROSS, J.L.S. A sociedade industrial e o ambiente. In: **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp,

1995, cap. 3, p. 209-231.

SIEGLER, I.A. Crescimento populacional e meio ambiente. **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v. 4, n. 7 e 8, p.107-110, jan/dez. 1992.

SOFFIATI, A. Fundamento filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da educação. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, cap. 2, p.23-67.

SILVA, A.M; DE FREITAS PINHEIRO, M,S; DE FREITAS, N, E. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses. 2 .ed. Uberlândia: Edufu, 2002, p.19-159.